



341

UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR PARA A EQUOTERAPIA

Natacha Katiuscia dos Santos Desingrini¹ (UEG)

Marlene Barbosa de Freitas Reis² (UEG)

GT 1 – Inter e Transdisciplinaridade na Educação

Resumo

Esta pesquisa propõe analisar e identificar, a partir da percepção dos docentes, o que é transdisciplinaridade. Busca ainda verificar como eles aplicam no contexto da equoterapia, e quais as possíveis vinculações com o processo formativo. A abordagem utilizada para a realização deste foi de cunho qualitativo, sem desprezar dados quantitativos. Para tanto, fundamentou-se em pesquisa bibliográfica e empírica, cujos dados foram coletados por meio de entrevistas direcionadas aos professores que atuam na Equoterapia Goiabeira, em Inhumas – GO. Os principais referenciais teóricos utilizados foram: Moraes (2014); Morin (2015); Nascimento (2015) e Suanno (2014). As entrevistas possibilitaram entender quais as concepções de transdisciplinaridade e conhecimento tem os professores da Equoterapia Goiabeira sobre o assunto, e como eles a praticam neste contexto. Concluiu-se, assim, que a transdisciplinaridade é importante para o desenvolvimento dos praticantes da equoterapia, pois é fundamental para o amadurecimento intelectual, assim como toda a forma de desenvolvimento, pois ela visa o desenvolvimento do ser humano de forma integral, abrangendo todas as áreas da vida do indivíduo. Apesar das dificuldades os professores vêm buscando olhar para seus alunos com esse olhar transdisciplinar. Espera-se que esta pesquisa contribua para o aprimoramento dos conhecimentos dos acadêmicos, professores e da comunidade local.

Palavras-chave: Equoterapia. Transdisciplinaridade. Interdisciplinaridade. Professor.

Introdução

Este artigo científico apresenta discussões acerca da Transdisciplinaridade na perspectiva dos professores da Equoterapia, de Inhumas–GO. Entende-se que para que o aluno se desenvolva em sua totalidade é necessário fundamentar-se no paradigma educacional emergente (MORAES, 2014) na reorganização dos conhecimentos, na intencionalidade de

¹ Professora. Estudante da Pós-Graduação *Lato Sensu* Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na UEG, Câmpus Inhumas. E-mail: natykatiuscia@gmail.com

² Pós-doutora do quadro docente efetivo da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Professora do Programa de Pós-graduação *Lato Sensu* em Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na Educação. Coordenadora do curso de Pedagogia da UEG, Câmpus Inhumas. E-mail: marlenebfreitas@hotmail.com



342

criar um novo modo de pensar, rompendo com a linearidade e a fragmentação do conhecimento, em prol de um pensar complexo e transdisciplinar:

[...] um pensamento ecologizante, capaz de religar o que carece ser ligado, capaz de rever antigas sabedorias e experimentar outros modos de conhecer a realidade, não apenas analisando, dissecando, catalogando ou classificando. Necessitamos de um pensamento ecologizante capaz de integrar os diferentes saberes aos processos de construção e reconstrução do conhecimento, e estes com a vida natural e ambiental, para que possamos trabalhar melhor as informações recebidas, usar novos métodos, desenvolver novas escutas [...]. (MORAES, 2014, p. 26).

Nesse sentido, este trabalho tem como tema “Um olhar Transdisciplinar para a Equoterapia” delimitando a temática “A visão dos professores sobre o conceito Transdisciplinar, na Equoterapia de Inhumas/ Goiás”. Com isso o objetivo desse trabalho é identificar, a partir da percepção dos docentes, o que é transdisciplinaridade e como eles aplicam no contexto da equoterapia.

Nessa sociedade contemporânea, estamos vivendo constantes mudanças, nas diversas áreas do conhecimento, da cultura, da vida social, e também grandes transformações no âmbito educacional, “educar-se hoje exige adaptar-se cultural, social, laboral, profissional e pessoalmente ao ritmo da mudança e a sua velocidade, resumindo em novas chances de concepções culturais, de produção, de relações sociais, econômicas e industriais [...]” (TEJADA, 2002 apud SUANNO; PUIGGRÓS, 2012, p. 59).

Nesse sentido, entende-se que é necessário um novo modo de pensar, rompendo com a linearidade e a fragmentação do conhecimento, buscando um pensar complexo e prospectivo, objetivando a reintrodução do sujeito no processo de aprendizagem, saindo do foco professor para aluno, para o professor como mediador do conhecimento. Trabalhando, metatemas, metapontos de vistas e metaconceitos, para se buscar conviver com a incerteza cognitiva e histórica, religando a cultura das humanidades e científica.

Dessa forma, a pergunta problematizadora que orienta esse trabalho é “Qual a visão dos Professores da Equoterapia, de Inhumas Goiás, sobre a transdisciplinaridade?”. A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi de cunho qualitativo, sem desmerecer os dados quantitativos. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos



343

significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, podendo identificar este contexto com o ser humano, pois este também possui sentimentos e sensações podendo refletir sobre seus atos (GIL, 1999).

O interesse em pesquisar este tema decorreu da minha participação na Pós-Graduação *Lato Sensu* Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Inhumas. Atualmente, trabalho em um Centro de Atendimento Especial Especializado (CAEE) Diurza Leão, onde atuo como professora de pessoas com necessidades especiais. Na sala em que atuo o projeto desenvolvido é o ASI II, autonomia, socialização e integração. Esse espaço educacional possui vinculações com o projeto da Equoterapia Goiabeira, no qual foi possível minha aproximação sobre a temática, que ainda era desconhecida para mim, e assim se desdobrou neste trabalho. E, também, será apresentada, em anexo, a minha história de vida, de como se constituiu e como foi influenciada, até o presente momento, a pesquisar sobre essa temática.

Espera-se que o resultado desta pesquisa possa contribuir para que educadores e pesquisadores que se interessam por essa temática e tenham mais uma fonte para a obtenção de conhecimento desta área, reconhecendo então a relevância social e científica desse trabalho.

A equoterapia no processo de formação do ser humano

Para a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL, 2015), a equoterapia foi institucionalizada há pouco tempo, mas existem fatores históricos que mostram que esses conceitos foram indicados há muitos anos atrás. A primeira citação encontrada foi de Hipócrates (377 a.C.) que defendia que a equitação possibilitava a regeneração da saúde. Prisia (124- 40 a.C.) recomendava essas atividades para os gotosos, caquéticos, paralíticos, frenéticos, dentre outros, para a melhoria na qualidade de vida. Mirkuds (1569) mencionava que a equitação exercita não só o corpo, mas também os sentidos.

Castel (1734) criou uma cadeira vibratória com movimentos similares a de um cavalo. Em 1901, na Inglaterra, o Hospital Ortopédico de Oswenlry, instala as primeiras atividades equoterápicas em um contexto hospitalar. A partir de 1974 começaram a articular



344

congressos internacionais para o estudo da equoterapia e seus benefícios,

No Brasil surgiram reflexos institucionais a partir de 1988, quando um grupo de brasileiros viajou para a Europa para observar e estudar a equoterapia. Após esse movimento criaram, em 10 de maio de 1989, a ANDE-BRASIL (2015). Esta associação é, no Brasil, o órgão responsável pela equoterapia, que adere a todas as atividades equestres com a finalidade de reabilitação, educação ou reeducação.

A palavra equoterapia foi denominada pela ANDE-BRASIL (2015), em 1989, para assinalar as práticas que utilizem o cavalo com técnicas de equitação, buscando a reabilitação e a educação de pessoas com deficiência ou com necessidades especiais. É definida como: “[...] um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou com necessidades especiais” (ANDE-BRASIL, 2015, p.10). Para Soares (2012), busca o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com necessidades especiais.

Segundo Lermontov (2004), a equipe que acompanha o praticante deve ter o maior número de profissionais, levando em consideração que dessa forma é possível se obter vários pontos de vista sobre os assuntos que serão abordados de acordo com as especificidades do quadro clínico em questão. Segundo a ANDE-BRASIL (2015), “as atividades equoterápicas devem ser desenvolvidas por equipe multiprofissional, no qual envolva o maior número possível de áreas profissionais nos campos da saúde, educação e equitação”.

A prática da equoterapia é vivenciada com o contato com a natureza propiciando formas de aplicação de exercícios de recuperação e integração, “complementando as terapias tradicionais, que se valem de instrumentos tecnológicos, em clínicas e consultórios” (NASCIMENTO, 2015, p.70).

Deutsches Kuratorium (1986) foi o primeiro a criar os programas básicos da equoterapia, propondo que uma equipe interdisciplinar para o desenvolvimento do programa. Dessa forma, à necessidade do indivíduo deve ser sempre trabalhada em conjunto dando ênfase na especificidade do participante e também a área profissional que o praticante precise mais.

Segundo Lopes (2015), com a equoterapia o indivíduo pode alcançar muitos



345

benefícios, pois ao serem corretamente direcionados, apresentam melhorias no condicionamento físico, na flexibilidade, no equilíbrio físico e emocional.

A Secretária da Educação do Distrito Federal (SE-DF) reconhece a equoterapia como um método educacional que fornece a alfabetização, a socialização e o desenvolvimento global dos alunos com necessidades especiais.

A equoterapia busca melhorias na saúde de pessoas com deficiências físicas ou mentais, educação para pessoas que possuem necessidades educativas especiais, e sociais para pessoas com distúrbios evolutivos ou comportamentais.

Independente de sermos ou não portadores de algumas limitações e, com certeza o somos, hoje sabemos que a equoterapia é mais um método terapêutico e educacional de reabilitação reconhecido pelo CFM (Conselho Federal de Medicina). Diante de uma abordagem interdisciplinar (Quiçá transdisciplinar), onde segundo Vigotski torna possível acionar por intermédio da mediação algumas áreas bastante importantes para integração e desempenho humano. (NASCIMENTO, 2015, p.71).

As pessoas que participam das atividades equoterápicas são chamadas de praticantes. Nascimento justifica:

ao contrário do que se possa pensar não se trata apenas de uma questão de nomenclatura, mas tem a ver com a própria concepção do tratamento: O indivíduo não é objeto passivo da equoterapia, mas agente ativo de sua própria terapia, pois esta agindo sobre o animal, e não apenas recebendo estímulos do mesmo. (NASCIMENTO, 2015, p. 7).

As atividades equoterápicas devem ser desenvolvidas por uma equipe multiprofissional, integrando profissionais de diversas áreas do conhecimento, como nos campos da saúde, educação e equitação. Esse trabalho deve visar atender as classes sociais menos favorecidas, não se constituindo com uma atividade elitizada.

O equitador é de suma importância em todo o processo, não só durante o atendimento, mais também para o preparo e manutenção da saúde dos animais. A relação entre humano e cavalo deve ser considerada durante todo o treinamento e, também, na convivência.

Deve se propiciar um relacionamento justo, honesto e claro para ambos os lados e



346

acima de tudo, respeitando os limites de cada indivíduo (ANDE-BRASIL, 2015). Essa interação proposta é sem dúvidas um exercício de confiança, respeito e liderança, por isso deve ser tratado com muita dedicação e sensibilidade.

Cabe ao fisioterapeuta realizar avaliações do estado funcional do praticante, fazendo uma análise das deficiências e incapacidades que vão sendo identificadas para ir se estabelecendo programas de tratamentos que vão suprir as necessidades identificadas. Realizando este trabalho é possível perceber a aquisição de habilidades motoras, como o aumento de força muscular, melhora na coordenação motora e fina, ganho de equilíbrio, referencial de espaço, velocidade, tempo, desenvolvimento da lateralidade, dentre outros.

Essas habilidades vão interagir com o desenvolvimento emocional e mental, ajudando o praticante a “usar no dia a dia as habilidades cognitivas e perceptivas necessárias para adaptar-se á novas experiências e ao contexto apropriado” (ANDE-BRASIL, 2015, p. 68).

O pedagogo auxilia em todo o processo de ensino/aprendizagem, de forma que facilite, o desenvolvimento deste processo de ensino-aprendizagem como um todo. O profissional deve buscar, juntamente com a equipe, solucionar algumas dificuldades que possam estar prejudicando a assimilação, memorização, ou processo cognitivo do praticante, pois na equoterapia, como já foi citado, é possível perceber grandes evoluções, desde a socialização, autoestima, segurança, afetividade, psicomotricidade, articulações de fala, ludicidade, disciplina, como também situações de ensino-aprendizagem, raciocínio lógico-matemático, perceptivas motoras, sensoriais, e formação moral.

O psicólogo na equoterapia auxilia no processo de ensino e aprendizagem, priorizando o trabalho emocional, mas não se esquecendo do ser global e seus fatores biológicos e sociais. Este trabalho possibilita que o profissional desenvolva, juntamente com a equipe, aspectos fundamentais como o sentido do ser, do seu próprio “eu” e do seu espaço no mundo.

Segundo Nascimento (2015), o psicólogo deve intervir para que haja um maior entendimento global por parte da equipe, da família e do próprio indivíduo. Por isso deve-se trabalhar juntamente com os familiares, buscando identificar e melhorar aspectos como a rejeição, negação e super proteção, para assim poder trazer melhoria da qualidade de vida,



347

tanto para o praticante, quanto seus familiares.

Segundo Coutinho e Rosa (2015, p.81), a educação física pode contribuir muito na equoterapia, se tiverem uma visão de homem enquanto “ser individual e social, ou seja, consciente de sua realidade biológica e sociocultural”. O professor de educação física deve trabalhar na preparação física da equipe, na avaliação biométrica, no desenvolvimento da linguagem, da comunicação e expressão, na criatividade, psicomotricidade, e na participação e integração, e socialização familiar.

Segundo Bragamonte e Santo (2017), na área educacional, cavalgar auxilia na aquisição e desenvolvimento das funções psicomotoras, o que proporciona ao praticante uma aprendizagem e o desenvolvimento de cognições de ordem superior, que se referem a sofisticadas habilidades:

formação de conceitos, solução de problemas, pensamento crítico e criatividade. Enquanto anda a cavalo, a criança necessita desenvolver habilidades e atitudes conceituais diversas. Ajuda a manter um comportamento social adequado, enquanto em atividade de grupos na equitação. Estas aquisições são conhecidas como cognição social. (BRAGAMONTE; SANTO, 2017, p. 2).

Segundo Nascimento (2015), o contato com o cavalo possibilita que o indivíduo projete suas dificuldades, progressos e vitórias, e também propicia novas sensações, vivências, percepções, com sentimento de liberdade, independência e capacidade. Com isso, o praticante desenvolve a autoestima e a autoconfiança que são imprescindíveis para auxiliar no seu desenvolvimento.

Isso é possível quando toda a equipe auxilia no desenvolvimento do funcionamento mental do indivíduo, que vai favorecer nos aspectos sociais, pessoais e familiares, atendendo cada praticante de acordo com suas individualidades, respeitando suas limitações e especificidades para identificando as potencialidades do indivíduo de modo que se aprimore e construa novos conhecimentos.

A transdisciplinaridade na equoterapia

Segundo Santos (2000), o trabalho feito dentro da equoterapia é um trabalho multidisciplinar e ao mesmo tempo interdisciplinar. Entende-se que multidisciplinar é quando



348

em um determinado trabalho se envolve várias profissionais de diversas áreas do conhecimento (LERMONTOV, 2004). E, compreende-se que o conceito Interdisciplinar é quando um grupo de profissionais de diversas áreas do conhecimento trabalha em conjunto com um mesmo objetivo. Dessa forma entende-se por interdisciplinaridade:

o prefixo “inter” dentre as diversas conotações que podemos lhes atribuir, termo significado de “troca”, “reciprocidade”, e “disciplina”, de “ensino”, “instrução”, “ciência”. Logo, a interdisciplinaridade pode ser compreendida como sendo a troca, de reciprocidade entre as disciplinas ou ciências, ou melhor, áreas do conhecimento (FERREIRA apud FAZENDA, 1999, p. 21, grifos no original).

“Interações entre disciplinas; diferentes profissionais trabalham juntos ao mesmo tempo, cada um em sua disciplina, mas com objetivo geral semelhante, buscando a coesão, a complementação e a enriquecimento do tratamento” (LERMONTOV, 2004, p. 105).

Para Ribeiro (2011) na interdisciplinaridade busca-se já a integração, acompanhada de uma visão mais voltada para o indivíduo como sujeito inserido em um contexto social. Na equoterapia, segundo a proposta de trabalho exercitada no dia-a-dia da equipe, a interdisciplinaridade é insuficiente, pois a proposta da Equoterapia necessita de um olhar que transcenda a interdisciplinaridade, que seria um olhar Transdisciplinar como sugere Moraes (2008, p. 117), “com a interdisciplinaridade integramos, e com a transdisciplinaridade transcendemos [...]”.

Para Nicolescu (1999, p.53), a transdisciplinaridade, diferentemente da interdisciplinaridade, “transcende as fronteiras do conhecimento disciplinar”, pois o enfoque transdisciplinar reconhece o que “está entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina” (NICOLESCU, 2000, p. 2).

Lermontov (2004) vem trazer que além dos momentos de interdisciplinaridade, na equoterapia, há também momentos transdisciplinares, que para ele consiste no profissional que atua nas diversas ciências ou áreas do conhecimento com o mesmo praticante.

A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” o indica, diz respeito ao que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de toda disciplina. Sua finalidade e a compreensão do mundo atual, e um dos imperativos para isso é a unidade do conhecimento. (LERMONTOV, 2004, p. 105, grifo do autor).



349

Nesse aspecto, o trabalho docente transdisciplinar e interdisciplinar, deve-se caracterizar de modo que religue conhecimentos, por buscando pensar complexo, multirreferencial, multidimensional e autorreferencial, articulando razão, emoção, corporeidade e atitude transformadora.

Entende-se que estamos em constante transformação, atuando sobre o ambiente e sendo transformado por ele. Com isso é necessário que a educação acompanhe essas transformações, tanto nas áreas do conhecimento, como da cultura, da vida social, pois “educar-se hoje exige adaptar-se cultural, social, laboral, profissional e pessoalmente ao ritmo da mudança e a sua velocidade, resumindo em novas chances de concepções culturais, de produção, de relações sociais, econômicas e industriais [...]” (TEJADA, 2002 apud SUANNO; PUIGGRÓS, 2012, p. 59).

Desse modo, a transdisciplinaridade apresenta a necessidade de se possuir um novo modo de pensar, rompendo com a linearidade e a fragmentação do conhecimento, na procura do pensar complexo, um pensar prospectivo, reintroduzindo o sujeito de participar do processo de formação, por isso a necessidade de religar saberes, a cultura das humanidades e cultura científica.

O trabalho transdisciplinar e interdisciplinar vem se caracterizar, de modo, que possibilite que o indivíduo entenda a importância de se pensar complexo, multirreferencial, multidimensional e autorreferencial, articulando razão, emoção, corporeidade e atitude transformadora, trabalhando assim com uma razão sensível que aproxima, religa, que contribui com o outro na práxis complexa e transdisciplinar.

Segundo Moraes (1997), o desenvolvimento humano depende de nossa capacidade de reflexão, do nosso aprimoramento nas habilidades de pensar e saber. O indivíduo é um ser ativo no processo de construção de conhecimento, e como ser ativo deve ser considerado como um ser pensante, um ser de escolhas, e que através disso pode optar quando está diante das possibilidades que se apresentam.

O ser humano, nessa perspectiva, é visto como um ser que constrói a sua própria identidade, na sua relação consigo e com o mundo, a partir de sua liberdade e autonomia para tornar-se sujeito. Com isso é possível afirmar que o ser humano esta em constante



350

transformação, se projetando a todo o momento, de modo que seu aprendizado é constante.

Dessa forma, Morin (1990, p.148) afirma que todas as coisas estão interligadas, tanto as ajudadas e ajudantes, ou causadas e causantes, estão tudo ligados por um laço natural e invisível. Com isso é “impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, como também considero impossível conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes.”

Considerando todos os benefícios, acima citados, podemos comungar com Fiuza (2016, p.22) quando afirma que a Equoterapia contribui para o “desenvolvimento integral do praticante, uma vez que exige a participação do corpo inteiro e também de sua cognição, da mesma forma que promove a inserção social e pedagógica.” E, isso só é possível com o trabalho Inter/Transdisciplinar.

Transdisciplinaridade: um desafio na Equoterapia Goiabeira

A presente pesquisa teve como objeto de estudo foi a visão dos professores, da Equoterapia Goiabeira, sobre transdisciplinaridade. A abordagem utilizada, para a realização deste, foram de cunho qualitativo, sem desmerecer os dados quantitativos, que para Lüdke e André (2013, p. 12), “supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra, pelo trabalho intensivo de campo”.

Foi realizado, como procedimentos de pesquisa, um levantamento bibliográfico e empírico cuja finalidade é conhecer e analisar o programa da equoterapia a fim de identificar as contribuições para a formação do ser humano e se é possível fazer uma ligação com a transdisciplinaridade neste processo.

Ao longo do processo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores da equoterapia, buscando reconhecer os pontos significativos para enriquecer a pesquisa. Conforme Triviños (1987, p. 146), “a entrevista semi-estruturada valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”. Para Lüdke e André (2013, p. 39), a entrevista “permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”.

Com isso, após a coleta dos dados, e a pesquisa empírica foi feita a seleção e



351

organização dos dados a fim de proceder à análise desse material, conforme apresentaremos a seguir.

Caracterização

A Equoterapia Goiabeira, em Inhumas – GO, foi fundada no ano de 2014 quando a Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG-GO) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural de Goiás (SENAR-GO) estavam buscando um lugar que já tivesse pessoas com deficiência. Na cidade possui o CAEE Diurza Leão, então, em parcerias começaram a implantar, juntamente com o sindicato rural, e um convênio com a prefeitura, a equoterapia no local. Hoje a Equoterapia Goiabeira já se tornou utilidade pública municipal, filiando-se, também, com a ANDE-BRASIL, e está trabalhando para se tornar utilidade pública estadual, e depois federal.

A Equoterapia Goiabeira conta com uma equipe base, todos são formados pelo curso da ande Brasil. Os profissionais atuantes são o psicólogo, o fisioterapeuta, o equitador, o pedagogo, o educador físico e o fonoaudiólogo. Com isso é possível pontuar que para que o indivíduo seja “aceito” ele deve passar por um médico para que ele faça as devidas avaliações.

Apresentação e discussão dos resultados

Foram entrevistadas duas professoras da Equoterapia Goiabeira, uma delas coordenadora do programa, que serão denominadas de A e B. A Professora A, também, coordenadora é formada em Pedagogia há dez anos, e especialista em Educação Inclusiva e, também, em Educação do Ensino Fundamental, pela UFG. A professora B é graduada em Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia, especialista em Educação Especial. Ambas fizeram o curso, na ANDE-BRASIL, de um ano e, também, curso de primeiros socorros pela FAEG-GO e SENAR-GO para poderem atuar na equoterapia.

Ao serem questionadas sobre a concepção delas sobre a transdisciplinaridade na equoterapia, a Professora A respondeu o que os profissionais da Equoterapia Goiabeira visam



352

é realmente essa transdisciplinaridade, porque buscam a formação do indivíduo como um todo, trabalhando além da interdisciplinaridade.

Segundo ela buscam propiciar que o “praticante receba toda formação que esses profissionais vão dar, de uma forma realmente transdisciplinar, que abranja ele como ser humano em sua totalidade.” Assim, o praticante passa a ser entendido como um sujeito indiviso “[...] para quem já não existe a fantasia da separatividade entre corpo e mente, cérebro e espírito, lado direito e esquerdo” (MORAES, 1997, p. 138).

Segundo a Professora B descreve que percebe um olhar mais transdisciplinar quando se eleva a autoestima do praticante, trazendo alegria, não trabalhando somente no sentido físico mais também no sentido emocional, no cognitivo, no sentido afetivo. “Com o praticante ali em cima no domínio do animal, ele sente que pode dominar a própria vida, pois ele se sente muito dependente, sente muito a necessidade do outro e com o animal a autonomia dele cresce”. (Professora B).

Morin (2014) aponta que ser transdisciplinar implica atitude diante do saber. Uma atitude transdisciplinar, baseada na complexidade, requer flexibilidade, autonomia, dinamismo, ética, cooperação e diálogo. Para que assim haja a transformação e conexão entre os saberes. Desse modo, a autonomia do aluno, também, irá se desenvolver, fazendo com que ele seja ativo na construção do conhecimento.

A Professora A complementa esse pensamento relatando que o praticante durante o processo melhora sua autoestima, pois “imagina uma pessoa sentada em uma cadeira de rodas, olhando todo mundo ali de baixo, quando ele monta em um cavalo ele começa a olhar o mundo de uma forma diferente, mais igual” (Professora A).

Segundo a Professora B quando se trata da transdisciplinaridade a equoterapia procura desenvolver o indivíduo no seu meio biopsicossocial, então, é nas suas dimensões biológica, social e psicológica, é o desenvolvimento global do ser humano. O que possibilita afirmar que o ser humano deve ser visto no seu total, no seu global, pois como afirma Morin (2009) o todo é maior do que a soma das partes. O todo é maior porque contém algo que não existe nas partes: as relações entre elas. Nenhum sistema é totalmente isolado e fenômenos aparentemente díspares acabam influenciando um ao outro.

Desse modo, entende-se que o ser humano que consegue desenvolver

biologicamente, socialmente e psicologicamente ele consegue ter uma consciência de um todo, de um global, de um ser mais centrado, de entender o seu próprio desenvolvimento, de ter consciência dos seus ganhos, dos seus problemas e das suas incapacidades.

Dessa forma, é possível que a transdisciplinaridade contribua para a religação dos saberes, em que fundamentará uma formação que instigará a criação de pontes “[...] entre os diferentes saberes, entre estes saberes e seus significados para nossa vida cotidiana; entre estes saberes e significados e nossas capacidades interiores” (NICOLESCU, 1999, p. 143).

Ao serem questionadas sobre a importância da equoterapia na qualidade de vida dos praticantes as professoras responderam que tem sido fundamental. A professora B pontua que em lugar nenhum a pessoa vai conseguir ter essa abertura, “de ao mesmo tempo ser atendida, recebendo os procedimentos que ela precisa para seu físico e seu psicológico, e de repente estar se colocando também como ser humano autônomo e participante no processo”.

A professora A cita o exemplo de um pai que relatou “meu filho não estava conseguindo andar, andava encostando-se nas paredes e hoje ele anda de bicicleta, ele não só anda sozinho mais como anda de bicicleta também” então ela considera que há um ganho muito grande na qualidade de vida. A Professora B relata que existem “pessoas que hoje estão de um jeito, ela faz 4 sessões você já vê uma grande melhora, tanto na parte física quando na parte cognitiva e afetiva.”

Morin (2009, p. 20), afirma que “o conhecimento torna-se pertinente quando é capaz de situar toda a informação em seu contexto e, se possível, no conjunto global no qual se insere”, por isso a importância de evitar a fragmentação na equoterapia e no próprio cotidiano de vida.

Outra questão levantada foi como a equoterapia poderia contribuir para a inclusão do indivíduo como um ser social. A Professora B disse que ao segurar as rédeas do cavalo, por exemplo, o praticante vai desenvolvendo um novo olhar sobre si, como um ser autônomo e capaz, pois só deles segurarem as rédeas significa, para alguns, que estão segurando as rédeas da própria vida, “porque uma pessoa que sofre um acidente ou um derrame ela passa a depender do outro, e às vezes em cima de um cavalo vai percebendo que pode conduzir um animal” (Professora B).

Com isso, o indivíduo percebe que pode tomar as rédeas da vida novamente, ter pra



354

si os desejos e as vontades de seguir, ir pra direita ou pra esquerda ou seguir com o cavalo pra frente, “socialmente eu consigo me ver produtivo de novo, tendo autonomia de ter as suas vontades e seguir o caminho que eu quer” (Professora B). Normalmente, um lesionado segue o que as pessoas orientam a ele, como hora do banho, hora de sentar na cadeira ou ir respirar melhor do lado de fora e em cima do cavalo ele reaprende a conduzir a vida dele de novo, ele é colocado como sujeito ativo em todo o processo.

Para Professora A existem praticantes que só ficavam dentro de casa, às vezes por dificuldade na fala ou de locomoção, e quando ela começa a ser atendida pode se notar uma dentro da vida dela, pois quando se ganha uma qualidade de vida, se desenvolvendo, tanto no físico quanto no mental “ela sai para a sociedade ela começa a participar mais, já começa a ir a uma festa de família, já sai pra passear em uma praça e já começa a ser incluída nessa sociedade” (Professora A).

Outro ponto que vale apenas ser citado, é que ambas as professoras acreditam que o sucesso da equoterapia se dá justamente por se trabalhar de modo inter/transdisciplinar. De modo que se entende que programas fragmentários partem de uma concepção de um sujeito fragmentado e levam a abordagens fragmentárias, a equipes fragmentadas.

Considerações finais

A equoterapia tem como foco o tratamento global do ser humano. Cada pessoa com deficiência ou necessidades especiais possui suas especificidades, suas individualidades, fazendo com que sejam necessários planos individualizados para atender as necessidades do aluno. Os programas individualizados, na equoterapia, são organizados conforme as necessidades e potencialidades de cada praticante.

É possível perceber que a prática da equoterapia objetiva benefícios físicos, psíquicos, educacionais e sociais de pessoas com deficiências e/ou necessidades especiais. São perceptíveis as mudanças na autoestima, na autoconfiança, nas relações afetivas, no desenvolvimento psicomotor, sensorio perceptível, na linguagem, na aquisição de autonomia e na socialização e inserção social.

Nesse sentido, vale ressaltar que apesar da Equoterapia Goiabeira, ainda, ser um



355

programa bem novo, tem-se buscado um desenvolvimento global dos praticantes atendidos no local. Embora das dificuldades e limitações ainda sejam grandes, é possível observar que existe um olhar transdisciplinar, mesmo que ainda tímido, que necessita ser aprimorado e estudado para que este trabalho se desenvolva cada vez com mais qualidade.

A atuação do professor de modo Inter/Transdisciplinar, exige repensarmos de modo que possamos religar os saberes, sejam eles científicos ou culturais, de modo com que se possam estabelecer conexões entre os diversos saberes presentes na sociedade. Deve, também, romper com as dualidades presentes em nossa sociedade, em nosso cotidiano, como entre razão/emoção, certo/errado, bem/mal, considerando que um está entrelaçado ao outro, a compreensão do conhecimento como um todo integrado, que supera a fragmentação do conhecimento.

Pretendemos continuar os estudos acerca dessa temática, pois não temos a pretensão de encerrar o assunto, mas sim abrir portas para uma discussão mais consistente, permitindo que os leitores tenham curiosidade de aprimorarem seus conhecimentos a partir da pesquisa na formação do professor.

Referências

ANDE-BRASIL. Associação Nacional de Equoterapia. **A Palavra Equoterapia**. Disponível em: <<http://www.equoterapia.org.br/>>. Acesso em: 6 maio 2016.

ANDRÉ, Marli E. D. A.; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

FREIRE, H. B. G. **Equoterapia: teoria e técnica: uma experiência com crianças autistas**. São Paulo: Vetor, 1999.

FERREIRA, Lúcia Wiladino. **Cognição e Paralisia Cerebral: Vygotsky e Piaget em questão**. Salvador: Sarah Letras, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Os Projetos de Trabalho e a necessidade de transformar a escola (I)**: In Revista Presença Pedagógica n. 20, mar/abr 1998.

LERMONTOV, T. **A Psicomotricidade na Equoterapia**. Aparecida: Idéias e Letras, 2004.



356

MORAES, Maria Cândida. **Paradigma Educacional Emergente**. São Paulo: Papirus, 1997.

_____. Educação e Sustentabilidade: um olhar complexo e transdisciplinar. *In*: _____; SUANNO, João Henrique (Orgs). **O Pensar Complexo na Educação**: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade. Rio de Janeiro: Wak, 2014. p. 21-41.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO, 2011. p. 13-102.

_____. **Domínio do Possível: conhecer!** *In*: _____. **Ensinar a Viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 98-136.

NASCIMENTO, Y. O. O Papel do Psicólogo na Equoterapia. CALIL, F.; CAMPOS, M. C. P. de (Orgs.). **Apostila do Curso Básico de Equoterapia**. Brasília: 2015. p. 143- 152

NICOLESCU, Basarab (s/d). Reforma da Educação e do Pensamento: complexidade e transdisciplinaridade. Disponível em:
[http://www.wservices.srv.br/public/projetos/a1educar/UserFiles/files/TRANS_COMPLEXID ADE%20E%20TRANSDISC%20-%20Nicolescu\(1\).pdf](http://www.wservices.srv.br/public/projetos/a1educar/UserFiles/files/TRANS_COMPLEXID ADE%20E%20TRANSDISC%20-%20Nicolescu(1).pdf)

PETRAGLIA, Izabel. Educação Complexa para uma Nova Política de Civilização. **Educar**, Curitiba, Editora UFPR, n. 32, p.29-41, 2008.

SANTOS, Lindalva Personi; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Escola Sustentável e Feira de Ciências: reflexões e ações em torno da fabricação de sabão artesanal. *In*: PINHO, Maria José de; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; SUANNO, João Henrique. **Projetos Criativos na Prática Pedagógica**: cantar e encantar aprendizagem. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2015. p. 119-138.

SILVA, Débora Cristina Santos e. Pesquisa e Mediação Pedagógica na Cibercultura: desafios e possibilidades da prática docente. *In*: **Didática e Formação de Professores**: perspectivas e inovações. SUANNO, Marilza V. R.; RAJADELL, Núria (Orgs.). Goiânia: CEPED publicações, PUC-GO, 2012. p. 191- 208.

SILVA, Vera Lúcia de Souza et al. **Escola Sustentável e Rede de Escolas Criativas**: parceria entre escola e universidade. Blumenau, SC: Universidade Regional de Blumenau – FURB: 2015.

SOARES, et al. Centro de Equoterapia EASA/UNICRUZ: um espaço de inclusão social. *In*: **Anais do XVII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, XV Mostra de Iniciação Científica, X Mostra de Extensão**. Cruz Alta: 2012.

_____. Em Busca da Compreensão do Conceito de Transdisciplinaridade. *In*: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique (Orgs.). **O Pensar Complexo na Educação**:



357

sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade. São Paulo: WAK, 2014. p. 99-126.

TEJADA, José. Inovação Docente na Universidade: alternativas na formação de professores. *In*: SUANNO, Marilza V. R.; RAJADELL, Núria (Orgs.). **Didática e Formação de Professores**: perspectivas e inovações. Goiânia: CEPED publicações, PUC-GO, 2012.p. 59.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.



358

APÊNDICE

RELATO DE VIDA

Nasci no ano de 1990, no dia 6 de fevereiro, em Anápolis, Goiás. Filha de José Sidney dos Santos e Alzira Mendonça Couto dos Santos, já possuía uma irmã, de sete anos, Michelle Fernanda dos Santos. Moramos com minha avó Gercina e meu tio Domingos, irmão da minha avó, e com meu Idenes que foi adotado logo ao nascer. Morei nessa mesma residência até me casar, em 2013. Quando eu tinha três anos de idade nasceu minha irmã Pâmella Rafaela dos Santos, minha mãe relata que fiquei com muito ciúme e fazia de tudo para chamar a atenção, descobri que meu reinado tinha chegado ao fim.

Como morávamos com minha Avó nossa casa estava sempre cheia, pois ela possuía onze filhos, muitos netos, bisnetos e tataranetos, éramos as netas mais novas, pois meu pai é o caçula da família. Com isso desde pequenas eu e minhas irmãs aprendemos a socializar, a sermos receptivas e a dividirmos nossas coisas, porque sempre havia várias crianças por perto. Meu tio Idenes logo se casou e teve uma filhinha chamada Yasmin, que a considero como irmã, pois moramos juntas desde quando ela nasceu. Como a casa era grande minhas primas, irmãs e eu gostávamos de inventar vários cenários para brincar e usávamos muito de nossa criatividade para criar ambientes e histórias, minha mãe sempre foi aberta às nossas brincadeiras nos ajudavam com tudo que precisávamos.

Na minha infância, o que mais me lembro são os passeios que eu fazia com minha vó Gercina e meu tio Domingos. Todos os dias, religiosamente pela manhã, nós visitávamos os amigos vizinhos, pois meus avôs foram os primeiros a chegarem no local onde morávamos, fazendo ao longo do tempo muitos amigos, sempre foram muito receptivos. A grande maioria era de idosos que eu, carinhosamente, os chamava de avôs e avós, tinha a vó branca, vó preto e por aí ia os apelidando, eles amavam me ter em suas casas, pois me achavam muito “ativa” e “conversada” como costumavam a dizer. Então, eu vivia sendo mimada e ganhando presentes, além de ter sempre a atenção, carinho e respeito, o que me fez ao me tornar adulta ter um carinho muito especial por idosos.

Nesse período da infância várias coisas me marcaram, de modo que hoje consigo



359

enxergar como uma forma de ajudar pessoas a passar por algumas das minhas experiências negativas e ainda possuir uma vida de sonhos e qualidade. Foi daí que nasceu um sonho de cursar Psicologia.

Quando entrei na escola logo me socializei, amei estar no meio de tantas crianças, já minha irmã chorava todos os dias na entrada da sala. Amei minhas primeiras professoras, em especial minha professora Raimunda e Vanda do pré e da 2ª. série que possuíam um carinho muito recíproco. A professora Vanda manteve contato por muito tempo, ela amava violetas e como havia uma com meu nome eu adorava comprar e levar para ela na escola. Saí desta escola na 8ª série porque lá só oferecia até o ensino fundamental, mais sempre que podia visitava lá, era muito apegada nesta professora, nas coordenadoras e as “tias” do lanche.

Com dez anos de idade, entrei na escola de música, sempre gostei muito de tudo que envolvia arte, teatro, dança e música, e saí de lá quando me formei. Nos anos seguintes desenvolvi projetos que envolvia a igreja no qual eu congregava e a comunidade local, fazíamos visitas nos bairros, praças, asilos, creches e orfanatos, levando um pouco de apresentações culturais, oficinas e em algumas vezes prestando serviços assistências, levando roupas, sapatos e alimentos. Sem dúvidas aprendi muito nesse tempo, foram anos que me trouxeram uma bagagem incrível e que me ajudaram sem dúvidas nenhuma a olhar mais para o outro, respeitar as diferenças e a saber me portar em diversos ambientes e situações.

Minha maior riqueza sempre foi minha família. Minhas irmãs são minhas amigas e companheiras no qual eu amo incondicionalmente, sou fiel a elas e elas a mim. Meus pais são pessoas admiráveis como seres humanos, pais e cônjuges, meu pai é pastor e minha mãe costureira, o que mais admiro neles é a forma como vêm o ser humano e como gostam de ajudar o próximo. Possui um versículo Bíblico, no qual acho que eles o vivenciam com toda a sinceridade dos seus corações, que diz assim:

Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes. (MARCOS 12:30,31).

Acredito que devo muito do que me tornei hoje ao exemplo de vida deles, porque,



360

mais do que palavras, eles mostram no dia a dia. Sou muito apegada a minha família, pois acredito que eles são a minha base.

Com dezenove anos ingressei na UEG no curso de matemática, onde cursei dois anos, detestei, me senti muito frustrada nessa área durante esse período. Desde o princípio queria psicologia, mais como não tinha condições de pagar resolvi fazer matemática, por influencia de meus pais. Meu desejo, na verdade, era cursar pedagogia e quando estivesse atuando e me ingressar no curso de psicologia. Como me deixei levar por influências externas, considero que foram dois anos desperdiçados da minha vida. Nesse tempo, comecei a namorar com o meu esposo, nos conhecemos através de amigos em comum, tivemos um namoro muito saudável e feliz.

Comecei a cursar pedagogia na UEG, em Anápolis, me identifiquei muito com o curso, no segundo ano de faculdade me casei, com 23 anos, com o Eduardo Henrique e me mudei para Inhumas, transferindo meu curso para o câmpus de lá. Minhas melhores experiências vividas na Universidade foram um projeto científico que participei como voluntaria, juntamente com a Professora Marlene Reis, onde pesquisava a importância da pesquisa na formação dos acadêmicos da UEG/Inhumas, e no estágio da educação infantil e do ensino fundamental que pude vivenciar momentos muito conflituosos, porém de grande crescimento e amadurecimento profissional.

Nosso estágio no ensino fundamental foi realizado na perspectiva Inter/transdisciplinar, tendo como tema de projeto “Cidade Sustentável, Inhumas Sustentável, Escola Sustentável” no qual foram envolvidos não somente alunos e estagiários, mas também toda comunidade e equipe escolar, visando uma maior consciência diante de nossas ações e o que se pode fazer para mudar a realidade em que vivemos, proporcionando um pensar complexo sobre as questões ambientais.

Esse estágio foi muito rico ampliou nossa visão de mundo, entendendo que o professor tem que possibilitar vivências para os seus alunos, ter espaços de criação, autoconhecimento e transformação.

No ano de 2013 perdi quatro pessoas queridas, em menos de dois meses. Meu tio sofreu muito com câncer e faleceu na suíça, onde fazia tratamento, foi uma doença muito agressiva que o percebemos morrer a cada dia, pois ia definhando. Minha avó também já



361

possuía câncer na medula óssea, mas conseguia, apesar das dificuldades da vida, ter uma boa qualidade de vida. O corpo do meu tio demorou dez dias para chegar, e foi o tempo de preparar minha avó. Enterramos meu tio na sexta, no sábado de manhã recebo a notícia que meu avô materno havia passado mal e que no hospital deram um remédio errado para ele, no qual ocasionou na sua morte. No domingo enterramos meu Avô.

Dormi com minha Avó paterna esse dia, ela me pediu, pois estava com saudade de me ter em casa. Voltei para Inhumas e na terça-feira minha mãe me liga dizendo que minha avó paterna estava com dificuldade para respirar e estava sendo levada para o hospital, foi para a UTI e ficou um mês e três dias, vindo a óbito. Entendo que a morte do meu tio ocasionou a dela, pois ela estava indo muito bem com o tratamento.

Sem dúvidas nenhuma, esse foi um divisor de águas para mim, foi um momento muito traumático e de muito aprendizado. Um mês depois meu primo falece também por câncer. Nossa família ficou em estado de choque, e vários integrantes adoeceram mentalmente, apareceram diversas doenças psicossomáticas, inclusive em mim. Nosso psicológico se abalou muito, e demoramos em nos estabelecer novamente. Sou grata por cada pessoa que participou comigo mim nesse processo, pois não é fácil.

Ao concluir o curso de pedagogia já ingressei na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), para cursar Psicologia, antes de terminar minha graduação consegui o benefício do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), o qual possibilitou meu ingresso e a realização de um sonho que era estudar nessa Universidade e cursar um curso que acho que pode contribuir muito para a sociedade, pois acredito que a saúde mental é uma das coisas mais importantes da vida do ser Humano. Se estamos bem conosco, sem nos conhecermos e nos percebemos como somos, somos capazes de modificar nossa realidade.

Atualmente estou no 3º período do curso de psicologia, e trabalhando em um CAEE Diurza Leão, onde atuo como professora de pessoas com necessidades especiais. Na sala em que atuo o projeto desenvolvido é o ASI II, autonomia, socialização e integração. Na sala em que sou regente possuem nove alunos de diversas idades e necessidades diferentes o que está me possibilitando trabalhar em um ambiente muito diversificado. A escola trabalha com projetos possibilita uma maior autonomia do professor. Identifiquei-me muito com esse ambiente, que para mim era muito novo, tenho aprendido a lidar com as diferenças e a



362

perceber cada aluno com sua individualidade.

Hoje estou vivendo dias muito corridos e cansativos, pois além de trabalhar e estudar participo de uma Organização Não-Governamental (ONG), chamada ONG Internacional Compaixão, e sou presidente de um projeto chamado “Projeto Dona Gercina”, onde faço algumas viagens, no Brasil, para atender algumas comunidades carentes. A viagem que mais me marcou, foi no sertão do Piauí onde presenciei algumas realidades que não imaginava existir dentro no país.

Apesar do pouco tempo que tenho, sinto que é muito gratificante, quando recebo os resultados positivos. O projeto Dona Gercina atua com idosos institucionalizados, criamos em homenagem a minha avó. O Compaixão hoje possui o projeto das sandálias havaianas, onde mandamos para diversas partes do país e do mundo. E estamos trabalhando na construção de um hospital em Giné Bissau e uma escola em Burkina Fasso.

Aprendi até hoje a importância de estar bem comigo e com o meu próximo. Entendo que estou em constante formação, e que cada indivíduo tem suas especificidades e individualidades. O que é fácil para mim, para o outro pode não ser. Acho que o curso de Transdisciplinaridade e interdisciplinaridade tem tudo haver com aquilo que acredito, com minha visão de ser humano e de mundo. Tenho aprendido muito, e apesar de toda a correria, tenho tentado aproveitar o máximo dentro de minhas limitações. Espero conseguir colocar em prática tudo o que tenho aprendido e que de certa forma perceba mudanças positivas nos locais onde atuo.

A questão problematizadora no qual decidi nortear meu trabalho de conclusão de curso é “Qual a visão dos Professores da Equoterapia, de Inhumas Goiás, sobre a transdisciplinaridade”. Essa pergunta surgiu da curiosidade de identificar o Conceito de Transdisciplinaridade no olhar do professor da equoterapia, pois tenho curiosidade de entender como aplicam esse conceito em suas práticas e como percebem seus alunos. Sendo assim, pretendo após terminar esse processo compartilhar os resultados da pesquisa, visando contribuir para uma reflexão sobre essa temática.